

O QUE É A LINGÜÍSTICA TEXTUAL

O estudo da coesão textual tem sido predominantemente desenvolvido dentro do ramo da Lingüística a que se denomina Lingüística do Texto. Cabe, assim, inicialmente, dizer algumas palavras sobre esta corrente da Lingüística moderna.

7

Surgida na década de 1960, na Europa, onde ganhou projeção a partir dos anos 70, a Lingüística Textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou seqüências de enunciados, alguns deles, inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase. Este é o momento a que se denomina “análise transfrástica”, no qual não se faz, ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto.

Na década de 70, muitos estudiosos encontram-se ainda bastante presos ou à gramática estrutural, ou – principalmente – à gramática gerativa, o que explica o seu interesse na construção de “gramáticas de texto”. A partir da descrição de fenômenos lingüísticos inexplicáveis pelas gramáticas de frase – já que um texto não é simplesmente uma seqüência de frases isoladas, mas uma unidade lingüística com propriedades estruturais específicas –, tais gramáticas têm por objetivo apresentar os princípios de constituição do texto em dada língua.

É somente a partir de 1980, contudo, que ganham corpo as Teorias do Texto – no plural, já que, embora fundamentadas em pressupostos básicos comuns, chegam a diferir bastante umas das outras, conforme o enfoque predominante. Assim, em razão da amplitude do campo e da fluidez de limites entre as várias tendências, a Linguística Textual, tal como vem sendo entendida atualmente, apresenta diversas vertentes. Entre os principais representantes de cada uma delas, poder-se-iam citar:

8 *Beaugrande & Dressler* – que se vêm dedicando ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e do processamento cognitivo do texto. Apontam como critérios de textualidade a coesão e a coerência (centrados no texto), e a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados nos usuários). Adotam, entre outros pressupostos, os da semântica procedural, dando realce, no estudo da coerência e do processamento do texto, não só ao conhecimento declarativo (dado pelo conteúdo proposicional dos enunciados), mas também ao conhecimento construído através da vivência, condicionado sócio-culturalmente, que é armazenado na memória, sob a forma de modelos cognitivos globais (“frames”, esquemas, “scripts”, planos). Neste sentido, estes autores aproximam-se da linha americana da análise do discurso.

Givón e outros estudiosos filiados à linha americana da Análise do Discurso – preocupados, de um lado, com as formas de construção lingüística do texto enquanto seqüência de frases, de outro lado com a questão do processamento cognitivo do texto (isto é, com os processos de produção e compreensão) e, conseqüentemente, com o estudo dos mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse processamento. Para tanto, buscam subsídios

em pesquisas nas áreas da Psicologia da Cognição e da Inteligência Artificial.

Weinrich – cujos trabalhos objetivam a construção de uma macrossintaxe do discurso, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como os artigos, os verbos etc. Postula como método heurístico o da “partitura textual”, que consiste em unir a análise frasal por tipo de palavras e a estrutura sintática do texto num só modelo, tal como uma “partitura musical a duas vozes”. Para Weinrich, o texto é uma seqüência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, de modo recíproco, constituem o contexto: texto é, pois, “um andaime de determinações onde tudo se encontra interligado”, uma “estrutura determinativa”. Para ele, toda Lingüística é, necessariamente, Lingüística de Texto.

9

Van Dijk – cujo trabalho se tem voltado, particularmente, ao estudo das macroestruturas textuais e, em virtude disto, à produção de resumos; e ao das superestruturas ou esquemas textuais e, portanto, à questão da tipologia dos textos. Tendo dedicado, inicialmente, maior atenção às superestruturas narrativas, passou, mais tarde, a examinar outros tipos de superestruturas, especialmente as do noticiário jornalístico. Desde 1985, vem atuando na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (*Critical Discourse Analysis*).

Petöfi – empenhado, a princípio, na construção de uma teoria semiótica dos textos verbais a que denominou TeSWeST (Teoria da Estrutura do Texto – Estrutura do Mundo), visando ao relacionamento entre a estrutura de um texto e a interpretação extensional (em termos de mundos possíveis) do mundo (ou

do complexo de mundos) que é textualizado em um texto, implicando, assim, elementos con-textuais (externos ao texto) e co-textuais (internos ao texto). Como decorrência, os interesses desse autor e de seu grupo voltam-se hoje, em grande parte, à questão da compreensão/produção de textos.

10 *Schmidt* – para quem o texto é “qualquer expressão de um conjunto lingüístico num ato de comunicação – no âmbito de um ‘jogo de atuação comunicativa’ – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível”. Segundo ele, textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os lingüísticos. Daí preferir a denominação Teoria de Texto a Lingüística de Texto.

É preciso lembrar, também, os lingüistas franceses como Charolles, Combettes, Vigner, Adam e outros que se dedicam aos problemas de ordem textual e à operacionalização dos construtos teóricos para o ensino de línguas.

Tentando detectar os pontos comuns às diversas correntes, Marcuschi (1983: 12,13) apresenta uma definição provisória de Lingüística Textual:

Proponho que se veja a Lingüística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o *estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais*. Seu tema abrange a *coesão superficial* ao nível dos constituintes lingüísticos, a *coerência conceitual* ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em

suma, a Lingüística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a *organização linear* que é o tratamento estritamente lingüístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

A Lingüística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

Assim, passou-se a pesquisar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, quais os elementos ou fatores responsáveis pela textualidade. Conforme se disse acima, Beaugrande & Dressler (1981) apresentam um elenco de tais fatores, em número de sete: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Este trabalho será dedicado ao estudo de um desses fatores: *a coesão textual*.